O Mito e as Multidões

Hélio Pellegrino

O homem é, desde sempre, um criador de mitos. O mito está para a alma humana assim como o lençol subterrâneo está para a superfície da terra. Se cavarmos a terra, nas camadas mais profundas, vamos encontrar a água que canta. O mesmo fenômeno ocorre com respeito à geologia da alma. Por debaixo de sua fina camada de adaptação ao cotidiano utilitário, tantas vêzes árido, desfigurado pela vã ansiedade com que o homem empobrece a sua relação com o mundo, está o amplo rio que não dorme, de onde brotam as fantasias criativas da alma. É dêste rio que emergem os sonhos que mais nos sonham do que os sonhamos, quando, à noite, estamos adormecidos. É dêle que nos chega o pasmo solene de nos acharmos diante do mar como diante de um prodigioso acontecimento povoado de vozes. Quem nos chama? Que falas antigas nos convocam? Temos a cada passo um encontro com o mundo que nos compete decifrar. Somos os nomeadores do mundo, os seus intérpretes, aqueles para quem a verdade das coisas se estende como um fruto que pesa no ramo que o sustenta. Mas, ao mesmo tempo, somos distraídos e ávaros para com as coisas. Elas quase só nos interessam na medida de sua possibilidade de satisfazer, em nós, a nossa fome utilitária. Usamos as coisas para o nosso confôrto ou prazer, ou como antídoto à nossa solidão. Isto significa que, quase sempre, as traímos. Pois na medida em que uso uma coisa, meu ôlho não se abre para vê-la, para descobrí-la, para revelá-la na nudez de sua verdade. Meu ôlho se abre para mim próprio, é a mim que estou vendo, quando uso uma coisa, e não à coisa mesma. Existe, nêste sentido, uma orfandade das coisas, no mundo de hoje. E entre as coisas órfas vagueia o homem órfão, pois o homem só se conquista no seu parentesco com o mundo na medida do seu dom às coisas para que elas sejam, no seu mistério e na sua graça.

E aqui tocamos uma primeira e importantíssima função do mito. Ao mito corresponde reintegrar o mundo no seu mistério, na sua noturnidade, na sua sacralidade. Somos via de regra

racionalistas, conceptuais, solares diante de uma realidade encharcada de enigma. Somos diurnos demais diante da dupla face, diurna e noturna, de tôdas as coisas. Por isso, sonhamos e engendramos os mitos. Pois sonhar é abrir coração e ventre ao mistério de tudo. Pelas fantasias da alma, oferecemos às coisas o pulsar do nosso sangue mais secreto, onde habita o Deus vivo. Êsse é o verdadeiro caminho da verdade. Êste é o caminho do homem autêntico, do poeta, do santo, do herói. O poeta, o herói, o santo, o homem autêntico são criadores de mitos. São mitos êles próprios, pois realizam, numa dimensão exemplar, a vocação que o homem tem de doar-se ao Outro, para que o Outro resplandeça na sua graça. O mito, neste seu primeiro e grande sentido, significa o canto nupcial que o homem compõe para celebrar o seu encontro com o real. E êste canto constitui a essência dos grandes sistemas religiosos, a espinha dorsal das grandes construções literárias, o sumo da sabedoria de todos os tempos. Êste canto é o alimento do homem, o seu pão de cada dia, o penhor da dignidade de sua aventura humana. Êle abarca o reino infinito das fantasias criativas da alma, na sua expressão universal e geral. E o homem o reverencia, pois na palavra do poeta, na caridade do santo, na generosidade do herói, na ação do homem autêntico, se cristaliza o mito da grandeza e da beleza de cada ser humano. E o homem, para viver, e sobreviver, precisa acreditar em si mesmo e em sua inalienável dignidade.

Esta é a função maiúscula do mito. A ela se chega através do crescimento espiritual, e da plena e profunda renúncia a si próprio. Cantar o encontro com Outro é fazer do Outro o meu centro, é doar-me ao Outro. O júbilo do meu encontro com o Outro vai tornar-se a essência de minha mitologia pessoal e madura. Através desta essência chego à experiência religiosa, no seu mais amplo sentido. Pois religião vem de *religare*, ligar com fôrça, atar. Só me ligo com fôrça ao mundo na medida em que me abro totalmente à sua totalidade para que êle seja, no espaço de liberdade que lhe ofereço. A mitologia religiosa representa o sumo mais alto e mais doce da experiência humana. E sua maturidade maior.

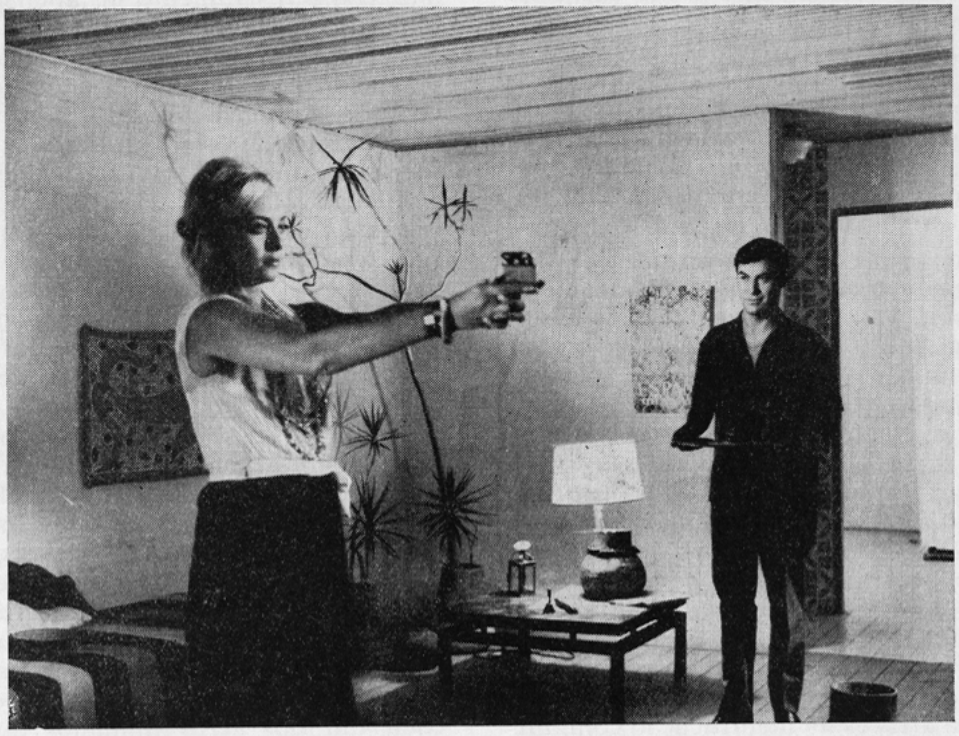
Mas o homem é, desde que nasce, um construtor de mitos, grandes e modestos, universais e particulares. Êle se exprime através do mito, da fantasia e do símbolo em todos os níveis de sua experiência existencial. Vêde um pequeno garôto de cinco anos, que brinca de soldado. Êle investe contra o inimigo, atira com o seu revólver de briquedo, se heroíza e se mitifica para tornar-se mais forte. Com isto, se prepara para a peleja com a vida. Ao identificar-se com as figuras poderosas que a sua fantasia elabora, o garôto responde às perguntas que a vida lhe faz, situa-se diante dos enigmas que lhe são propostos, afia seus instrumentos de domínio do mundo e tenta controlar a ansiedade que o mundo lhe provoca. Pois um garôto é, num certo sentido, muito fraco. A sua inermidade lhe pesa. Êle se identifica com os seus heróis para fugir da ansiedade que a sua fraqueza lhe desperta. E se esta fraqueza não recebe amor, e se o duro aguilhão da necessidade infantil não se resolve na graça de sentir-se amado, aceito, albergado pelo carinho dos outros, então nosso garôto se sentirá em meio à selva selvagem, rodeado de perigos. Um garôto não amado faz, desde os seus primeiros tempos de vida, uma amarga e insuportável experiência de absurdo, a partir da qual o mundo lhe surge hostil e inóspito. Mas o garôto tem de viver. Mas o garôto precisa insistir. Mas ao garôto a realidade lhe exige e arranca respostas. E o garôto, para viver, para insistir, para responder, recorre com tôda a fôrça de sua fantasia à função mítica da alma. Se êle não consegue aceitar-se a si mesmo, pois isto o assustaria muito, e o jogaria no centro de sua inermidade, o garôto passa a ser o herói que a sua fantasia criou. Através dêste recurso, êle se torna forte, destemido, onipotente. A realidade não lhe poderá fazer nenhum mal, pois êle é o super-homem com asas, o Bat Masterson com seu revólver infalível, o rei diante do qual todos os súditos se curvam.

Vêde agora, não um pequeno garôto, mas um homem. Mas um homem, de carne e osso, e nostalgia, e espanto. Vêde-o, pequeno e anônimo, na rua. Vêde-o vergado ao pêso do seu trabalho quando é noite, e volta para casa. Vêde-o bem, com carinho e cuidado. Pois um homem é, num certo sentido, muito fraco. Um homem é uma rêde apertada de osso, carne, sangue, nervo, sonho. Um homem é um feixe de humanidade que pulsa para a morte. Um homem sabe que vai morrer, é o único bicho da terra que sabe que vai morrer. Um homem sabe que está rodeado de riscos, e sabe que tôdas as suas possibilidades podem esbarrar num muro intransponível. E sabe por fim que a morte — muro intransponível — representa a impossibilidade radical e definitiva de tôdas as suas possibilidades. Um homem, como um garôto, é num certo sentido muito fraco. Êle também, como o garôto, precisa de amor humano, capaz de desenhar à sua roda um campo tranqüilo onde possa caminhar e repousar, acordar e dormir, perguntar e responder. E lhe dão êste campo, ao Homem? E lhe dão a terra para plantar, e a casa para morar, e a comida para comer, e a escola para aprender, e a música e a poesia para sonhar? E lhe dão aquela mínima medida de confôrto que, segundo São Tomás de Aquino, é indispensável ao exercício da virtude?

Não, ao pequeno homem não lhe dão êsse pequeno mínimo. Ao homem lhe dão uma sociedade de classes, dividida por injustiças e ódios implacáveis. Ao homem não lhe dão o amor, mas a espada, a violência, o desprêzo. E o homem, como o garôto, tem que viver, insistir, responder. E para fazê-lo, o homem, como o garôto, apela para a função mítica de sua fantasia profunda. Êle foge de si, se aliena, tenta esquecer-se. E procura os heróis com os quais se possa identificar. Êste é um fenômeno extremamente importante no mundo de hoje. As multidões buscam fugir à penúria de sua experiência existencial através da identificação com um herói por elas eleito. Êste herói será o símbolo da onipotência alienadora que as multidões buscam, que cada pequeno homem da multidão busca, para vingar-se da vida, para arredar o fôsso de sua inermidade e de seu pungente desvalor. E se estamos numa sociedade de consumo, na qual tôdas as necessidades são atendidas em escala industrial; e se novas necessidades são criadas para serem atendidas também em grande escala, para glória da indústria e prosperidade das nações, disto decorre que a fome de mito e mistificação, que as multidões têm, se transforma em indústria. Tôda a formidável fôrça publicitária que constitui um dos eixos da cultura em que vivemos se crispa para a fabricação de mitos em lata, que as multidões vão consumir. O mito, neste caso, passa a encarnar, não os melhores e mais altos valôres do homem, não o encontro do ser humano consigo mesmo e com o Outro, não o canto desta núpcia dulcíssima, mas o tropel do homem em fuga que tenta sacudir de si o pêso de sua própria condição tornada insuportável. Instala-se, a partir daí, o mito, não como valor humano positivo e construtivo, mas como instrumento de alienação e idolatria. O homem foge de si, tenta dissolver-se no mito, exige dêle a onipotência, a infalibilidade, a eterna juventude, a eficiência sem jaça, a beleza sem pausa, a vitória sem desfalecimento. E como é cruel nas suas exigências o homem que idolatra! E como são cruéis as multidões que idolatram! E êste traço impiedoso se compreende: se o ídolo é minha avenida de fuga, se através dêle, por identificação com êle, exprimo meu nojo, e desprêzo por mim e as fantasias compensatórias de onipotência pelas quais me defendo dêsse desprêzo e dêsse nojo, passo a não poder admitir que o meu ídolo falhe. Pois se êle falhar, sou eu quem falho, falha a defesa contra a minha inermidade, e me vejo arrastado ao pôço do malôgro e da abjeção. Por isto é que as multidões esquecem com tanta facilidade os ídolos que as decepcionam. Elas não os podem amparar na sua queda, pois isto significaria a queda de cada um dos sêres humanos que as compõem. Rei morto, rei pôsto. Ídolo caído, ídolo esquecido. E no duro e

implacável horizonte da publicidade, surge logo o nôvo ídolo enlatado, para a fome das multidões ávidas e desorientadas.

E a figura do ídolo? E a sua humanidade, onde fica? O ídolo é um ser devorado pela solidão. Na pior das hipóteses, êle próprio sofre um processo de inflação da personalidade, e passa a identificar-se com o mito que se criou em tôrno dêle. Êle recebe sôbre si o sôpro ardente das multidões que o querem todo-poderoso, e se aceita como tal. E como tal se perde, e assim se aliena tanto ou mais do que as multidões que o idolatram. Na hipótese melhor, o ídolo continuará fiel à sua medida humana, buscando alegrias humanas, diálogo humano, sofrimento humano. Mas quem lhe reconhecerá êste direito? Lembremo-nos de Marilyn Monroe, seu suicídio. Ou de James Dean, que transformou seu carro de corrida numa bólide de fogo clareando o abismo. Quem lhe reconhecerá êste direito?



Leina Krespi e Leonardo Vilar: Amor e Desamor, **de Gerson Tavares**